

## **Biblioteca Ayacucho:**

**exílio latino-americano e perspectiva político-cultural: (meados de 70 e 80)<sup>1</sup>**

**Haydée Ribeiro Coelho (UFMG)**

### **Introdução**

A “Biblioteca *Ayacucho*” foi idealizada em meados dos anos 70, na Venezuela. Tinha como objetivo:

*Editar textos clásicos pero depurados, bien establecidos, precedidos por prólogos, estudios, cronologías y bibliografías; se trataba en fin de presentar una obra, un libro, completo en relación con un texto que fuera relevante en la historia de la cultura latinoamericana de todas las épocas, con el objeto de ir cubriendo sus aspectos más importantes* (JITRIK, 2003, p. 120).

Os planejadores da “Biblioteca” buscavam, ainda, reafirmar a identidade latino-americana, considerando o contexto do exílio, decorrente de golpes militares em vários países da América Latina, incluindo o Brasil. Por que o enfoque da Biblioteca *Ayacucho*?

A trajetória de Ángel Rama, abordada por mim a partir de 1964, no semanário *Marcha*, e o registro do exílio pelo escritor no *Diario* (1974-1983) reiteram o trabalho de integração latino-americana realizado por ele. Fora do Uruguai e impossibilitado de voltar ao seu país, dominado pelo regime militar, Ángel Rama, nomeado, na Venezuela, Diretor Literário da “Biblioteca *Ayacucho*”, deu continuidade às reflexões sobre a América Latina à luz do contexto do exílio.

Os livros, publicados pela “Biblioteca”, por meio de seus prólogos, procuravam atualizar a leitura dos livros. Nesse sentido, esse texto tem como

objetivos: estudar alguns prólogos que mapeiam o pensamento político-cultural, relacionando-os à integração e singularidade latino-americanas e mostrar, ainda, de que maneira outros críticos estão construindo “memórias” presentes/ “futuras” a partir dessas e outras enunciações.

Nos prólogos, enfocam-se a trajetória dos autores das obras selecionadas e respectiva formação intelectual; elementos histórico-culturais que se entrelaçam à biografia intelectual dos escritores e, ainda, a recepção crítica dos textos comentados. Esse trabalho com os prólogos, realizado pelos colaboradores da “Biblioteca Ayacucho”, além de não tratar os textos como entidades abstratas, abre possibilidades para o leitor estabelecer conexões entre os autores estudados.

O *corpus* desse trabalho transita pelos prólogos das seguintes obras e seus respectivos autores: *Doctrina del libertador* (Simón Bolívar); *Ariel* (José Enrique Rodó); *Nuestra América* (José Martí); *Utopia de América* (Pedro Henriquez Ureña); *La nación latinoamericana* (Manuel Ugarte); *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar* (Fernando Ortiz) e *La crítica de la cultura en América Latina* (Ángel Rama).

### **O “ethos emancipador”**

Em relação ao autor Pedro Henriquez Ureña, Raphael Gutierrez Girardot afirma: “Llevaba en su espíritu el *ethos* emancipador de Bolívar y de Martí” (GUTIERREZ GIRARDOT, 1989, p. 26). Sob essa perspectiva, o começo do estudo dos prólogos pelas reflexões sobre Bolívar e Martí me parece um caminho possível.

Augusto Mijares, comentando a “Carta”, de Simón Bolívar, escrita em Jamaica, em 6 de setembro de 1815, evidencia que as lutas de Independência tinham, para “O Libertador”, um significado mais amplo como a organização de novas formas do Estado que “debían surgir de aquel enfrentamiento mundial” (MIJARES, 1974, p. 9). Como político e reformador social, defendia a igualdade, que seria advinda de

medidas econômicas, pois “la naturaleza hace a los hombres desiguales en genio, temperamento, fuerzas y caracteres” (MIJARES, 1974, p. 12). Considerando que a educação constitui um aspecto fundamental para a reforma social, no prólogo em destaque, o prefaciador comenta como Bolívar, tendo conhecido, em Londres, o método Lancaster, que consistia “básicamente en utilizar a los alumnos más adelantados de cada escuela para enseñar a los recién llegados o más remisos” (MIJARES, 1974, p. 13), procurou trazê-lo para a Venezuela.

No texto de Mijares, são destacadas as dificuldades e oposições políticas enfrentadas por Bolívar na própria Venezuela, emancipada por ele. Citem-se, por exemplo, as adversidades que Bolívar enfrenta na luta de independência do Peru. O percurso de Bolívar, recuperado no prólogo, reitera a imagem de Bolívar como um “infatigável batalhador”.

José Martí escreve *Nuestra América* em janeiro de 1891. Juan Marinello, ao realizar o prólogo, para esse texto e outros, reflete sobre as razões de Martí compreender seu tempo e o nosso. Martí penetrou na natureza opressora e sua magnitude continental do imperialismo; no México e na Guatemala, obteve uma aprendizagem que o levou a manifestar seu amor pelos índios e mestiços; esteve na entranha realidade estadunidense, anotando os fatos que “tejían la nación poderosa” (MARINELLO, 1977, p. 13) e tem a imagem do continente “a través de su dilatada experiencia y de su sensibilidad numerosa” (MARINELLO, 1977, p. 13).

Na interpretação do processo histórico do continente, Juan Marinello demonstra a diferença entre o pensamento latino-americano de Martí e o de seus contemporâneos. Muitos deles consideravam o indígena como “um elemento decorativo do passado”. A sensibilidade de Martí leva-o a cometer um pecado “ex abundancia cordis”, situando o indígena de forma superior ao branco e ao negro.

José Martí vê a cultura de modo original. Não reitera “los modos españoles” nem as “renovadas maneras europeas” nem ainda se prende a um

nacionalismo: “Lo cercano debía comunicarse con el torrente universal” (MARINELLO, 1977, p. 18). Achava que o conhecimento das literaturas “es el medio mejor de libertarse de la tiranía de algunas de ellas” (MARINELLO, 1977, p. 17).

Na elucidação dos escritos de Manuel Hugarte, Norberto Galasso situa aquele autor no contexto da geração argentina de 1900, dividida entre “sonhos heróicos e a fraternidade latino-americana” e uma Argentina cosmopolita, voltada para o Atlântico.

Os ideais de Salvador Ingenieros (socialismo e latino-americanismo) ressoam no filho Manuel Hugarte que incorpora, ainda, o desejo da luta de emancipação tal como Simón Bolívar. As viagens exercem um papel fundamental sobre seu pensamento e seu modo de ver a América Latina. De Paris uma pergunta se lhe impõe: “¿Como hablar de una literatura hondureña o de una literatura costarricense? [...]” (GALASSO, 1987, p. 14). No rastro das inquietações do pensador argentino, o prefaciador evidencia que a concepção de América Latina “como una sola nación fragmentada en un mosaico de países” (GALASSO, 1987, p. 15), entendida como “Pátria Grande”, encontra-se em *El porvenir de la América Española*, *El destino de un continente*, *Mi campaña hispanoamericana*, *La Pátria Grande* e *La reconstrucción de Hispanoamérica*, além de inumeráveis artigos e conferências de Manuel Hugarte.

A idéia de unificação (“Pátria Grande”) estava ligada “al propósito de rescatar la América Latina del atraso económico en que se hallaba en 1900 — y aún se halla — y conducirla a un estado económico-social superior” (GALASSO, 1987, p. 17). Essa unificação e crescimento estavam relacionados à libertação nacional. Em 1899, ao viajar para os Estados Unidos, teve confirmadas suas inquietações, também apoiadas em denúncias de textos de escritores latino-americanos como: *Ariel*, *Ante los bárbaros*, *La americanización del mundo*, *El destino de un continente* e *La ilusión americana*. Ugarte apreende pela história que “la unión en la nación se ligaba

íntimamente con la soberanía nacional y el progreso económico social” (GALASSO, 1987, p. 18).

O crítico uruguaio Carlos Real de Azúa, ao prefaciá-lo o texto de Rodó, indaga sobre as fontes ideológicas e literárias de *Ariel*: “Discursos rectorales de Lucio Vicente López en la universidad porteña de los años noventa” (AZÚA, 1976, p. 10) e, ainda, o meio universitário francês, representado por Jules Ferry, Anatole France, Ernest Lavisse, Leon Bourgeois e Jules Simon. Ainda, sob a perspectiva ideológica é notória a ressonância que tem a frase de Victor Hugo, destacada por Guyau: “Le poète a charge des âmes”. Esse aspecto, relacionado à tarefa revolucionária, estava associado a um público a que se destinava Rodó (a juventude), como se pode ler no texto *Ariel*.

Salientando a necessidade de entender os vários aspectos históricos e ideológicos, relacionados ao livro de Rodó, situa-o em

*un trance histórico que políticamente puede fijarse entre la efectividad de los regímenes constitucionales elitistas de la primera mitad del siglo, con sus prácticas de participación limitada y condicionada por sólidas jerarquías sociales y culturales, y el advenimiento de las democracias de masa o de sus variantes bonapartistas, crecientemente basadas en grandes organizaciones burocrático-partidarias* (AZÚA, 1976, p. 15).

Pela argumentação de Real de Azúa, fica claro que o texto de Rodó precisa ser lido em seu contexto histórico. Se, por um lado, se encontra, no texto *Ariel*, uma crítica à “nordomania”; por outro, diante das “nuevas modalidades que insurgieron en la cultura latinoamericana a partir de la Primera Guerra Mundial” (AZÚA, 1976, p. 30), não há “nem o auge vitalista, nem a afirmação fanática dos ‘ismos’ nem a ‘rebelião das massas’ [...]” (AZÚA, 1976, p. 15).

### **Mapas antropológicos, literários e críticos**

Julio Le Riverend, em “Fernando Ortiz y sus contrapunteos”, resgata o caminho intelectual do escritor cubano; enfoca sua adesão ao marxismo (entre 1923 e 1930) e evidencia como a história vai ocupando em sua obra um papel fundamental. Ao atestar a universalidade da formação de Ortiz, Le Riverend contesta que o autor de *Contrapunteo* seja um funcionalista, como o vê Bronislaw Malinowski, primeiro prefaciador de *Contrapunteo* em julho de 1940. Seus argumentos se baseiam no fato de que “la estructura económica, su lógica y su dinámica, las clases sociales, la afirmación nacional y el entrecruce del pasado con las compulsiones del presente y las exigencias del futuro” (LE RIVEREND, 1978, p. 12) não aparecem no texto funcionalista.

A trajetória intelectual de Fernando Ortiz, apreendida no prólogo, escrito por Le Riverend, permite ao leitor situar o importante conceito de transculturação, relido à luz da literatura por Ángel Rama.

A questão histórica, relacionada à literatura, é discutida no prólogo de *La utopia de América* por Rafael Gutierrez Girardot que trata da obra de Pedro Henriquez Ureña. Sob a perspectiva histórica, o autor do prólogo busca as causas de uma desatenção do público culto latino-americano em relação ao texto “Las corrientes literarias en América Hispánica” (1949). Mesmo considerando a literatura latino-americana “como algo propio hasta valioso [...] no parecía suficientemente convencido de su valor y menos aún del valor de su tradición” (GIRARDOT, 1989, p. 11), por isso qualquer autor estrangeiro podia ser melhor que um latino-americano. Aliado a esse aspecto, segue outro. A liquidação do discurso histórico por várias correntes críticas contemporâneas (formalismo russo, por exemplo) teria prejudicado a leitura dos textos de Pedro Henriquez Ureña e sua recepção.

Vale ressaltar, ainda, entre outros aspectos tratados no prólogo, a idéia de utopia que, nos escritos de Ureña, constituía um dos pressupostos de sua concepção historiográfica literária e, igualmente, correspondia à busca de nossa expressão.

O volume da “Biblioteca *Ayacucho*”, dedicado a Ángel Rama, é apresentado por Saul Sosnowski e Tomás Eloy Martínez. No primeiro artigo, “Ángel Rama o el placer de la crítica”, é salientado que Ángel Rama “se distanció de toda etiqueta reductora” (SOSNOWSKI, 1985, p. 10). Em relação aos textos: “Rubén Darío y el Modernismo” e “Indagación de la ideología en la poesía”, o autor do prólogo ressalta como Rama “articulaba autor y obra con las series literaria e histórica” (SOSNOWSKI, 1985, p. 13).

O autor de *Transculturación narrativa* contextualizava a literatura “dentro de lo nacional, y lo nacional dentro de la esfera latinoamericana y como parte de un circuito internacional” (SOSNOWSKI, 1985, p. 13); delineou “el futuro mapa de las obras en marcha” (SOSNOWSKI, 1985, p. 13); “marcó nuevas zonas culturales” (SOSNOWSKI, 1985, p. 13), em relação às obras do passado e do presente; incorporou o Brasil “[...] avizorando las próximas grandes letras americanas” (SOSNOWSKI, 1985, p. 17).

Saúl Sosnowski termina o texto, demonstrando como Rama, por meio de seu discurso crítico, soube acompanhar e interpretar as transformações do conhecimento para a formulação de “memórias do futuro”.

## **Conclusão**

Os prólogos dos diversos textos da “Biblioteca *Ayacucho*”, aliada à leitura prospectiva de Sosnowski, com base em Ángel Rama, projetam a “memória do futuro” para a compreensão da escritura de outros críticos, voltados para suas memórias da América Latina e do exílio tal como os críticos uruguaios Mabel Moraña em *Crítica impura* e Hugo Achugar em *La Biblioteca en ruinas: reflexiones culturales desde la periferia* e em outros textos de sua autoria. Menciono esses autores, limitando-me à crítica literária contemporânea.

## Referências

ACHUGAR, Hugo. *La biblioteca en ruinas: reflexiones culturales desde la periferia*. Montevideo: Trilce, 1994.

AZÚA, Carlos Real. Prólogo a Ariel. In: RODÓ, José Enrique. *Ariel. Motivos de Proteo*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1976. v. 3.

GALASSO, Norberto. Prólogo. In: UGARTE, Manuel. *La nación latinoamericana*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1987. v. 45.

GIRARDOT, Rafael. Pedro Henríquez Ureña. In: HENRÍQUEZ UREÑA, Pedro. *La utopía de América*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1989. v. 37.

LE RIVEREND, Julio. Ortiz y sus contrapunteos. In: ORTIZ, Fernando. *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1978. v. 42.

MARINELLO, Juan. Fuentes y raíces del pensamiento de José Martí. In: MARTÍ, José. *Nuestra América*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1977. v. 15.

MIJARES, Augusto. Bolívar como político e reformador social. In: BOLÍVAR, Simón. *Doctrina del libertador*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1974. v. 1.

MORAÑA, Mabel. *Crítica impura: estudios de literatura y cultura latinoamericanos*. Madrid: Iberoamericana, 2004; Frankfurt: Vervuert, 2004.



NITRIK, Noé. Noé Jitrik. In: COELHO, Haydée Ribeiro (Org.). *Las memorias de la memoria. El exilio de Darcy Ribeiro en Uruguay*. Belo Horizonte: FALE/ UFMG, 2003.

RAMA, Ángel. *Diario — 1974-1983*. Montevideo: Trilce, 2001.

SOSNOWSKI, Saul. Ángel Rama: un sendero en el bosque de palabras. In: RAMA, Ángel. *La crítica de la cultura en América Latina*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1985. p. 9-23.

### **Nota**

---

<sup>1</sup> Este texto é parte do desenvolvimento do projeto que desenvolvo, apoiado pelo CNPq.